

Campeonato Brasileiro de Seleções: economia de um projeto nacional (1922-1932)

João Manuel Casquinha Malaia Santos¹

Resumo

O presente trabalho propõe-se a fazer uma breve análise da estrutura dos primeiros campeonatos de futebol em nível nacional no Brasil, entre 1922 e 1932. O período estudado permite uma ampla reflexão sobre momentos importantes para a economia e política nacionais, na virada da Primeira República para o início da Era Vargas. Dentro de um contexto de rivalidades regionais latentes e enormes dificuldades econômicas em deslocar equipes de estados distantes entre si, a estrutura dos chamados "campeonatos brasileiros de seleções" fugia à lógica das competições organizadas em outros países pioneiros na formação de competições esportivas rentáveis, como os Estados Unidos e a Inglaterra. O esforço dos dirigentes do futebol nacional para a organização de um torneio que congregasse as diferentes regiões de um país de tamanho continental será analisado em suas esferas econômica (dando ênfase às dificuldades, possibilidades e possíveis ganhos de tais campeonatos) e política (mostrando a relação entre as esferas de poder público com o esporte) com ênfase na cidade do Rio de Janeiro. O trabalho pretende mostrar como o futebol e os esportes podem ser profícuos no desenvolvimento de pesquisas em História Econômica, além de serem elementos importantes para o desenvolvimento de um setor importante da economia no capitalismo moderno, os espetáculos comercializáveis de massa.

Palavras-Chave

Futebol; Campeonato Brasileiro; História Econômica; Primeira República.

Abstract

The present work aims to analyze the structure of the beginning of national football championships, between 1922 and 1932. This period allows a reflection about important political and economical Brazilian aspects during the end of the First Republic and the beginning of the Vargas Era. In a context of strong regional rivalry and big economic difficulties to move teams from different and distant states, for example Pará and Rio Grande do Sul, the structure of the so called "Brazilian championship of selections" was far from adopt the European or North American model of organizing rentable sports competitions. The effort made by the Brazilian national football political leaders to organize tournaments that could bring together the different regions of a country with continental size will be analyzed through the economical (the difficulties and possibilities of profits in theses competitions) and political (the relationship between the government and sports) aspects, with emphasis in the city of Rio de Janeiro. The present paper aims to show how football and sports in general could help in the development of researches in Economic History and understand an important economic feature of the modern capitalism, the mass commercialized entertainment events.

Keywords

Football; National Championship; Economic History; First Brazilian Republic.

¹ Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo e professor do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ.

FUTEBOL: Campeonato Brasileiro
Os paulistas vencem o torneio.
Folha da Noite, 14 de agosto de 1922, p. 4

A notícia acima, publicada em um grande periódico paulista, dá conta de um campeonato brasileiro de futebol que havia acontecido em 1922. A notícia ocupava três quartos da seção “Vida Esportiva”, uma das oito páginas do jornal. O autor do texto inflamava o leitor afirmando que os paulistas haviam batido os gaúchos e os baianos, além de ganharem dos cariocas, os rivais que disputavam “infructiferamente a supremacia no [football] association”. Infrutífera, pois os paulistas já haviam derrotado os cariocas vinte e quatro vezes, ao passo que o contrário só havia acontecido em três oportunidades.

Ao ler a nota, uma série de perguntas importunam até mesmo quem não se interessa por este esporte, mas está atento a questões mais amplas, sociais, políticas, culturais e, em nosso caso, econômicas. Como organizar um campeonato brasileiro de futebol em 1922? Como integrar regiões tão distantes e com rivalidades políticas tão intensas ao redor da prática do futebol? Quais as instâncias de poder envolvidas e que deram ao certame um ar nacional? Esse torneio era mesmo nacional? Perguntas que envolvem questões nacionais sempre foram objeto das mais diferentes indagações em que se tenta estabelecer algumas linhas de compreensão para como o Estado brasileiro conseguiu desenvolver mecanismos de unidade nacional frente a um país de dimensões geográficas continentais e tamanhas diferenças regionais.

Não foram poucas as iniciativas de órgãos públicos e de grupos ou indivíduos particulares no esforço de criação de um brasileiro e de um Brasil que conseguisse, de alguma maneira, aquietar os ímpetos separatistas que algumas regiões apresentaram ao longo, principalmente, do Império e dos primeiros anos da República. Dois exemplos bastante simples foram a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, e o desenvolvimento da corrente literária do Romantismo, que teve como um dos seus maiores ícones, José de Alencar, que chegou a ser deputado pelo Ceará e Ministro da Justiça de D. Pedro II. O IHGB era, e ainda é, um órgão do governo e as suas intenções se colocavam com clareza, principalmente no desenvolvimento da escrita de uma História do Brasil. Já o Romantismo de José de Alencar e sua aproximação com o Estado faz com que se perceba que os interesses desse escritor coadunavam com o das autoridades, em relação ao projeto da construção da nacionalidade brasileira. Os dois casos mostram a ligação do Estado com as tentativas

de se estimular a percepção, por parte dos habitantes do país, de que todos aqui eram brasileiros e tinham uma raiz e uma história comum.

Nosso foco maior neste trabalho será perceber como essas diferenças regionais e estaduais, ainda muito latentes durante a Primeira República, foram aos poucos passando por processos, conduzidos pelos governos e pelas elites, que tentavam matizar essas diferenças e diluir suas rivalidades. Para se pensar em projetos nacionais em países do tamanho do Brasil no início do século XX há que se levar em conta a viabilidade econômica dos mesmos, uma vez que os custos com deslocamento de pessoas em um enorme território com precário sistema de transportes elevam a e muito as despesas.

Nas três primeiras décadas do século XX, um fenômeno cultural e social passou a tomar conta do cotidiano dos brasileiros habitantes das grandes cidades do país e que logo foi percebido como relevante elemento aglutinador de um sentimento nacional tão difícil de ser alcançado naquele tempo: o futebol. Esporte destinado às elites no começo do século XX, o futebol foi apropriado pelas camadas menos abastadas da sociedade brasileira durante as décadas de 1910, 1920 e 1930, quando a população com menos condições econômicas perceberam nesse esporte uma ligação barata com os costumes das elites brasileiras e da classe operária europeia². No caso específico do Rio de Janeiro, juntamente com clubes finos fundados para a prática do futebol nos primeiros anos do século XX, como o Fluminense Football Club (1902) e o Botafogo Football Club (1904), que é o atual Botafogo de Futebol e Regatas, uma verdadeira invasão de clubes menores começaram a aparecer ainda no final da primeira década do século XX e nas duas décadas seguintes. Clubes minúsculos, localizados nos subúrbios da cidade sempre próximo de umas das estações de trens que serviam o subúrbio da cidade. Eram clubes como o Maria Angú Football Club (1920)³, ou o Flor do Prado Football Club

² Nesse período, enquanto o futebol brasileiro ainda era marcado por forte apelo da elite das grandes cidades, nas metrópoles européias, a prática do futebol já era dominada pela classe trabalhadora, pelo menos no que se refere à prática do esporte e à presença nas arquibancadas dos estádios, pois os quadros diretivos dos grandes clubes brasileiros e mundiais raramente saem das mãos de grupos sociais poderosos, principalmente em termos econômicos. Sobre o futebol como esporte da classe operária inglesa ver: VAMPLEW (2004).

³ Clube localizado na estação de Olaria, Ramal da Estrada de Ferro Leopoldina. Arquivo Nacional, localização: IJ6 769.

(1921)⁴, que organizavam seus modestos clubes e participavam de campeonatos mais simples paralelos aos dos grandes clubes cariocas⁵.

Este trabalho procurará mostrar como o futebol pode ser um objeto bastante profícuo para a análise em História Econômica e pensar esta ciência prevalecendo “a percepção mais ampla da economia, situada em perspectiva teórica permeável às manifestações sociais, políticas, culturais” (MOURA, 2006).

1. O controle do esporte das massas

Os dirigentes dos grandes clubes de futebol das principais cidades brasileiras se organizaram a fim de afastar de seu seio as agremiações mais populares e criaram campeonatos com taxas altíssimas de inscrição e de manutenção, organizados por uma liga que também era dirigida, na maioria dos casos, pelos mesmos dirigentes dos grandes clubes. As elites de São Paulo e Rio de Janeiro, as duas maiores e mais desenvolvidas cidades do país, rapidamente se apressaram em criar suas ligas exclusivistas, limitadoras da presença alheia nos campeonatos organizados pelos mais ricos clubes dessas duas cidades. Eram a Liga Paulista de Football (MAZZONI, 1950, p. 27) e a Liga Carioca de Football (PEREIRA, 2000, p. 64). Os clubes eram espécies de ilhas sociológicas que se agrupavam formando uma liga. Basicamente, as ligas organizadas por clubes elitistas impunham regras bastante rígidas para a participação de clubes e atletas vinculados aos mesmos. Impunham-se tanto barreiras econômicas, com a cobrança de elevadas taxas anuais, mensais e multas, quanto sociais, uma vez que um clube só poderia fazer parte dessas ligas de clubes ricos quando convidados por um membro e aprovados em assembléia da referida associação e jogadores que exercessem atividades braçais estavam proibidos de participar das equipes que disputavam o campeonato de futebol⁶. Houve uma união inicial entre os clubes que tinham sócios entre os elementos mais destacados da sociedade para a formação de ligas, e essas ligas se constituíam em verdadeiros cartéis, formados por uma interdependência mútua dos clubes que necessitavam uns dos outros para a produção do espetáculo a ser comercializado ao público.

⁴ Clube localizado na Rua Fernão Gradim, n.21, Engenho de Dentro. Arquivo Nacional, localização: IJ6 763.

⁵ O estudo sobre o futebol praticado nos subúrbios cariocas tem se mostrado profícuo nas possibilidades de uma análise mais aprofundada da sociedade carioca da Primeira República. Dois desses estudos são PEREIRA, (2000) e SANTOS (2010).

⁶ Cf. BRASIL. “Sociedades Civis: Estatutos da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres”. *Diário Oficial dos Estados Unidos do Brasil*, 20 de dezembro de 1917.

Com o crescimento do interesse da população das grandes cidades brasileiras por eventos esportivos, os grandes clubes passaram a abrir um espaço cada vez maior dentro de suas praças esportivas com a finalidade de abrigar públicos cada vez maiores, vendendo-lhes os ingressos, a preços bem mais modestos que as mensalidades dos clubes, e permitindo a circulação daqueles que passaram a ser chamados de torcedores. A prática fez com que os grandes clubes arrecadassem somas altíssimas, passando o futebol a ser o grande responsável pelas receitas do clube e se tornando, em pouco tempo, como único esporte rentável para os clubes⁷.

Os clubes precisavam ser parceiros econômicos, montar um campeonato atrativo economicamente, entre equipes fortes e, de preferência, próximas umas das outras e ligadas por meios de transporte que pudessem facilitar o deslocamento dos atletas e das torcidas, a fim de viabilizar economicamente o espetáculo, tanto para os “produtores” quanto para os espectadores. Wray Vanplew idealizou um modelo das ligas esportivas e analisou as funções básicas dessas ligas-cartéis. Elas deveriam funcionar como um centro de poder para regular os campeonatos e punir os infratores das leis estabelecidas de comum acordo entre os clubes e impressas em seus estatutos. As ligas deveriam também organizar um campeonato de tamanho compatível com o mercado em que estava inserido, maximizando as rendas, determinando o preço dos ingressos e o número de jogos a serem jogados pelas equipes (VAMPLEW, 2004: 112-113). Apesar da aparente livre entrada e saída dos times, as ligas muitas vezes deixaram ou impediram de entrar, ou até mesmo expulsaram clubes, de acordo com os interesses pessoais de seus dirigentes.

A dificuldade, no caso do Brasil seria conseguir a formação de campeonatos que pudessem inserir clubes de todas as regiões do Brasil, para poder ter o nome de nacional, justamente com o tamanho continental do país aliado a um precário sistema de transportes. A situação se tornava mais urgente nos primeiros anos da década de 1910, pois o Brasil começaria a participar de competições internacionais e para isso deveria ter uma entidade associada à Fédération Internationale de Football Association (FIFA), órgão internacional regulador das competições internacionais, e que reconhecia apenas uma entidade por país.

⁷ Os valores acima podem ser obtidos ao analisarmos os relatórios anuais do Fluminense Football Club, arquivados na Biblioteca Arnaldo Guinle, dentro do clube carioca, aonde se encontram arquivados desde o ano de 1916.

2. Os campeonatos nacionais de futebol na Europa: modelo a ser seguido?

O continente europeu é formado por um número grande de pequenos países. Portanto, não seria difícil a realização de campeonatos nacionais economicamente viáveis. Após a I Guerra Mundial, com a formação de novas nações e com a destruição material das antigas, novos mecanismos de integração nacional foram usados pelos europeus. Hobsbawm observou que

As partidas internacionais [de futebol] foram realmente organizadas com o objetivo de integrar os componentes nacionais dos Estados multinacionais. Eles simbolizavam as unidades desses Estados, assim como a rivalidade amistosa entre suas nações reforçavam o sentimento de que todos pertenciam a uma unidade, pela institucionalização de disputas regulares, que proviam uma válvula de escape para as tensões grupais, as quais seriam dissipadas de modo seguro nas simbólicas pseudo lutas (1988: 170-171).

Para integrar os componentes nacionais de um país através do futebol, a organização de campeonatos em nível nacional que pudessem servir como observatório dos melhores jogadores do país passou a ser extremamente importante na criação de um imaginário nacional através do futebol. Sem os campeonatos nacionais, não pode haver seleção nacional. Um rápido olhar pela cronologia dos campeonatos nacionais em alguns países europeus pode ajudar a ilustrar o quadro acima descrito.

O primeiro campeonato⁸ nacional de futebol na Europa ocorreu na Inglaterra, durante a temporada 1888/1889 com apenas 12 equipes. O crescimento do futebol na Inglaterra era espantoso e a grande afluência de linhas férreas interligando as cidades inglesas, também não muito distantes umas das outras, fazia com que o número de clubes aumentasse vertiginosamente. Na temporada 1892/1893 foram implementadas duas divisões, com 16 equipes na primeira e 14 equipes na segunda. Na última temporada antes da paralisação por conta da I Guerra Mundial, a liga inglesa contava com 40 times divididos em duas divisões com 20 equipes cada. Após a guerra, os campeonatos voltaram com toda a força, e a proliferação de equipes populares aderindo à principal liga inglesa continuava. Na primeira temporada pós-guerra, em 1919/1920, as divisões passaram a ter 22 times cada. Na temporada seguinte, em 1920/21, foi montada uma terceira divisão, chamada de Terceira Divisão Sul, com mais 22 clubes. Logo no ano posterior, na temporada 1921/22, foi montada também a Terceira Divisão

⁸ O campeonato difere-se da Copa. No Campeonato, os times jogam entre si duas vezes, uma em seu estádio e outra como visitante. Atribuía-se, naquele período, 2 pontos para a vitória e 1 ponto para o empate. A equipe que somasse mais pontos ao final dos jogos era declarada campeã. Já a Copa é um torneio eliminatório.

Norte, com mais 20 clubes, totalizando 86 clubes filiados, integrando praticamente todo o território nacional.

Na França, o primeiro campeonato nacional foi organizado pela Union des Sociétés Française de Sports Athlétiques na temporada de 1893/1894, mas ainda no sistema eliminatório e com apenas 5 clubes. Apenas em 1896 se jogou no sistema de campeonato, mesmo assim com cada clube jogando apenas uma vez com cada adversário em campo neutro. A Alemanha teve seu primeiro campeonato em 1904 e aceitava inclusive times de fora do país, jogado no sistema eliminatório.

Países com latentes conflitos internos e com meios de transporte não tão desenvolvidos como os ingleses tinham maiores dificuldades em fazer seus campeonatos nacionais. Na Itália, a organização do futebol começou por grupos regionais, em 1898. Apenas em 1922 houve um torneio nacional, a Copa Itália, em sistema eliminatório. O primeiro campeonato nacional aconteceu somente em 1929, já sob os auspícios de Benito Mussolini, fã declarado de futebol e que soube como poucos usar o futebol como catalisador de seu projeto nacional⁹. Na Espanha, a Copa do Rey foi o primeiro torneio nacional a ser disputado, em 1902. Os campeonatos eram divididos por regiões como o Campeonato da Cataluña, o Campeonato da Galícia ou o Campeonato da Andaluzia e somente em 1929 foi organizado o primeiro campeonato nacional. Países mais atrasados, como Portugal, tiveram enormes dificuldades em organizar campeonatos nacionais, a despeito de seu tamanho diminuto. A primeira Copa de Portugal foi jogada somente na temporada 1921/1922 e ainda no início da década de 1930, os campeonatos em Portugal mais importantes eram os distritais de Lisboa e Porto. Com a chegada de António de Oliveira Salazar ao poder, outro profundo admirador do futebol, os projetos nacionais incluíam a organização de um campeonato nacional, iniciado no ano da montagem do Estado Novo português, em 1933. O Brasil, atrasados economicamente, de um tamanho continental e com tendências regionais também enfrentou dificuldade na organização de campeonatos nacionais.

⁹ A Itália foi campeã das Copas do Mundo de 1934 e 1938 com vários jogadores estrangeiros, inclusive um brasileiro, naturalizados italianos. O atacante paulista Amphilóquio Marques Guarisi, o Filó, foi naturalizado italiano em 1933, quando saiu do Sport Club Corinthians Paulista para jogar no clube italiano da Società Sportiva Lazio, de Roma, em 1931, passando a ser chamado de Guarisi. Filho de mãe italiana, disputou a Copa do Mundo de 1934, sendo o primeiro jogador nascido no Brasil a se tornar campeão da Copa do Mundo organizada pela Federação Internationale de Football Association (FIFA).

3. As disputas pelo poder: Rio de Janeiro *versus* São Paulo

A par dos acontecimentos em campos europeus, os dirigentes de clubes e autoridades públicas logo perceberam a necessidade de tentar organizar campeonatos que pudessem ter alguma aspiração nacional. No entanto, o processo de controle do futebol mais divulgado nos jornais da época, aquele praticado pelos clubes cujos sócios e dirigentes eram figuras destacadas da sociedade, tinha um grande obstáculo quanto à implementação de um torneio nacional. Na maior parte das vezes, as dificuldades de deslocamento entre grandes distâncias impunham a formação de campeonatos municipais ou estaduais, mais viáveis economicamente. O transporte dentro das cidades era demasiado complicado como atesta a notícia abaixo:

Quando o sportsman tem a infelicidade de não dispor, no dia, de alguns cobres para a ‘vacca’ do táxi, ou de um amigo que lhe faça a gentileza desse transporte menos lento, tem que ir ali no bonde, com todas as baldeações do stylo, a roer as unhas ou a gastar os nervos impacientes noutro qualquer serviço capaz de entretel-o e desfogal-o.¹⁰

No entanto, o sucesso dos torneios que elevavam as tensões regionais dentro do campo, mostrava um caminho interessante para um novo braço dos negócios urbanos, os esportes comercializáveis. Os primeiros torneios a reunir aquela que era considerada a “nata” futebolística do país eram os jogos entre as seleções da principal liga paulista contra a da principal liga carioca, os chamados torneios Rio- São Paulo. As disputas entre cariocas e paulistas ultrapassavam as quatro linhas do campo e tornavam-se mais um elemento no acalorado debate sobre qual era maior cidade do Brasil na época.

No limiar do século XIX e início do XX, a cidade de São Paulo transformava-se em uma grande metrópole. O crescimento industrial atraía milhares de pessoas para a cidade. Os números apresentados por Maria A. Guzzo Decca, que utilizou o Boletim do Departamento Estadual do Trabalho de 1927, realizado pela Delegacia de Ordem Social e Política, mostram o processo de industrialização na cidade. Segundo esse boletim, São Paulo teria 203.736 operários e 3.629 fábricas e estabelecimentos industriais (DECCA, 1987: p. 15). Tanto o crescimento populacional como o êxodo rural foram muito intensos nesse período. Segundo os dados de censos e relatórios apresentados por Paul Singer, em 1860 a população total de São Paulo era de 27.900, sendo 15.200 (54%) a população urbana e 12.700 (46%) a população rural. Em 1886 a população total passou para 47.697 (um crescimento de 71%) e a população urbana agora representava 82% dessa

¹⁰ *Correio da Manhã*, 15 de abril de 1918, p. 7.

população (SINGER, 1963: 31). Os números apresentados por M. Inez Machado Borges Pinto são ainda mais esclarecedores para o período analisado. Em 1890, São Paulo tinha 64.934 habitantes. Dez anos depois, passou para 239.820 (um crescimento de 269%) e em 1920 atingiu 579.033 (um crescimento de 141%) (PINTO, 1994: 35). Esse panorama mostra claramente o crescimento vertiginoso e sua configuração como uma das grandes metrópoles do Brasil e da América Latina.

Como foi afirmado anteriormente, o futebol é um fenômeno típico das metrópoles urbanas industrializadas, e São Paulo assistiu a um espantoso desenvolvimento desse esporte durante o período estudado. Não só São Paulo, mas as principais cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte e Salvador. Nessas cidades o futebol teve particular desenvolvimento nos primeiros anos do século XX. O Rio de Janeiro, por ser ainda a maior e mais industrializada cidade do Brasil no início do século, desenvolveu ao lado de São Paulo o melhor futebol jogado no país. Nessas duas cidades a prática deste esporte fazia parte dos hábitos requintados das elites metropolitanas.

É interessante recuperar, por meio de notícias da grande imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo, a construção de imagens em torno do paulista, num exercício que propõe analisar a visão que o carioca tem do paulista e a visão do paulista sobre si mesmo. Uma vez que existe um material interessante de estudos feitos sobre a imagem de São Paulo aonde se utiliza a grande imprensa, com os quais buscarei amplo diálogo, o uso de crônicas esportivas na busca dos símbolos que formaram o imaginário do paulista ainda inexistente. O trajeto da pesquisa desenvolvida para esta parte do trabalho foi o estudo dessas crônicas relacionadas aos jogos entre cariocas e paulista, tanto nos jogos da seleção paulista contra a carioca, como nos embates entre equipes paulistas contra cariocas. A análise desse material pode se tornar bastante frutífera, uma vez que a falta de referências materiais da cidade de São Paulo, como aponta Raquel Glazer, faz com que o estudo das construções ideológicas a respeito da cidade e do paulista sejam de extrema importância. A autora aponta ainda o fato de que trabalhar com o urbano é trabalhar com “emoções, percepções, sentidos e visualizações” (GLAZER, 1994: 165) campo muito fértil quando se analisa o futebol e os seus registros nas crônicas esportivas.

As imagens permeadas de símbolos que se constituíram sobre o paulista ao longo de sua história foram amplamente analisadas e discutidas durante o curso. Os artigos examinados ao longo das aulas e a bibliografia do curso oferecem material

suficiente para identificarmos essas imagens e a rede simbólica a que estava ligada. Num dos textos trabalhados, de autoria de Maria Stella Bresciani (1999: 20) a autora repara que para a São Paulo do período estudado há uma espécie de fórmula para se falar da cidade. Números, dados e dimensões ajudam na construção da imagem de potência dos homens paulistas. Nota também que os símbolos de “potência da riqueza” e a do “pioneirismo desbravador bandeirante” foram determinantes na constituição de uma imagem do paulista. O trabalho de Esmeralda Moura (1994: 231-246) destaca também a imagem da valorização do trabalho e do progresso, esclarecendo uma das funções desse imaginário social criado em torno dos paulistas, que permitiu organizar, no plano simbólico, as ações coletivas e individuais de seus cidadãos.

A rivalidade entre essas duas cidades era enorme e o futebol seria mais um palco dessas duras rusgas. Havia uma clara disputa de poder político e econômico entre essas duas cidades. Na virada do século XIX para o XX, São Paulo passou a se configurar como a grande metrópole do Brasil. As estatísticas mostram que o crescimento populacional e de indústrias é mais acentuado em São Paulo que vai lentamente ultrapassando o Rio de Janeiro. Os censos de 1907 e 1920 podem dar uma idéia desse processo. Apenas uma idéia, pois o censo compara a cidade do Rio de Janeiro com o estado de São Paulo, mas é possível chegar a algumas conclusões. Em 1907, a produção industrial do Rio de Janeiro representa 33,3% da produção brasileira, e a de São Paulo ficava em segundo lugar com 16,5%. Já em 1920, a produção paulista representa 31,5% do total nacional e o Rio cai para a segunda posição, com uma produção de 20,8%. Podemos notar também a diferença do momento dessas duas cidades, se analisarmos o quadro do número de estabelecimentos industriais e de operários em cada um desses censos. Em 1907, o Rio tinha 662 estabelecimentos e 34.850 operários, e São Paulo tinha 326 estabelecimentos e 24.186 operários. Já em 1920, São Paulo supera e muito o Rio em estabelecimentos, 4.145 contra 1.541, e em número de operários; são 83.998 operários em São Paulo e 56.229 no Rio de Janeiro (CARONE, 1972-1974: 77). A população carioca era de 1.147.599 habitantes, em 1920, enquanto a de São Paulo ainda era menor, com 579.033 habitantes (MORTARA, 1920: 47). Paul Singer afirma que, ainda que seja difícil estabelecer um marco cronológico sobre a virada paulista em cima do Rio de Janeiro como a maior cidade do país, “uma conclusão se impõe: São Paulo superou o Rio como grande centro industrial, entre 1920 e 1938” (SINGER, 1963: 48). Fica evidente que as cidades vão disputavam durante esse período o papel de protagonista nacional.

A Capital Federal sentia que a liderança ia passando para São Paulo. Esta por sua vez, não se conformava com a prepotência da Capital e sentia que era o momento de se afirmar ainda mais e desqualificar seu maior concorrente ao posto de cidade número um do país. Nicolau Sevckenko mostra que

é em torno de 1919-20 que [...] a imprensa suscita e repercute, ao mesmo tempo, a imagem de São Paulo como uma das grandes metrópoles do mundo, com um ritmo prodigioso de crescimento e potencialidades incalculáveis de progressão futura. O Rio de Janeiro e Buenos Aires podiam ser provisoriamente maiores, mas o compasso do crescimento e a magnitude dos recursos da capital paulista eram tais, que seu triunfo sobre as duas rivais mais próximas era inapelável e apontava para destinos ainda mais altos. Verifica-se, pois, uma tomada de consciência tanto de um sentido de identidade, quanto de uma manifestação de destino da cidade (1992: 37)

Os embates dentro de campo seriam ótimas oportunidades das duas cidades medirem força e para que os cronistas esportivos da época pudessem desfilarem sua montanha de símbolos reforçando a imagem de paulistas e cariocas.

Ora, a vitória veio, pois encher-nos de imenso regosijo. Nós todos, que a não esperávamos, nós todos nunca mais devemos agora duvidar da pujança dos nossos. Mais uma vez o Rio é estrondosamente batido; mais uma vez sentem a fortaleza de seus adversários; mais uma vez se lhe escapa das mãos, como enguia dos dedos do pescador inexperto, a vaidade da sua hipotética supremacia.¹¹

Assim o jornal paulista *A Gazeta* anunciava a vitória da seleção paulista sobre a carioca, pela Taça Rodrigues Alves daquele ano. Foram duas vitórias incontestáveis. Em São Paulo, o primeiro jogo foi 3 a 1 para os paulistas e no Rio de Janeiro, mais uma vitória paulista por 4 a 2. Podemos perceber que a vitória foi uma surpresa para o cronista, e este deixa claro a *pujança* e a *fortaleza* dos paulistas, de quem nunca mais ousem duvidar. Na cobertura do evento pelo jornal é possível perceber a vontade de transparecer os símbolos que remetem a uma imagem do paulista. E não é apenas na afirmação desses símbolos que se constitui o imaginário, mas também na negação do adversário, na sua desqualificação. A falta de esperteza e a vaidade de uma hipotética supremacia dos cariocas são registradas também na crônica, sinalizando os defeitos dos cariocas em oposição às qualidades dos paulistas. O campeonato nacional de seleções não iria acalmar essa rivalidade. Muito pelo contrário. Apesar de integrar um número

¹¹ *A Gazeta*, 6 de julho de 1919, p. 5.

maior de seleções, todas as finais de campeonatos nacionais de seleções foram jogadas entre paulistas e cariocas, com exceção do torneio de 1928, quando a Associação Paulista de Esportes Athleticos não mandou a seleção paulista. O motivo: uma briga contra a seleção carioca na final do campeonato brasileiro de seleções de 1927. A briga ofuscou um evento que se transformava em uma das ocasiões mais importantes de demonstração de união em torno do futebol. A final foi disputada no estádio de São Januário, no dia 13 de novembro, dentro das festividades de celebração da proclamação da República. Com a presença do presidente do Brasil, Washington Luis, o jogo teve com preliminar uma demonstração de um jogo atlético com bola por parte dos sargentos das Forças Armadas divididos em duas equipes, uma com camisas do Flamengo e outra com camisas do Vasco¹².

No entanto, durante a partida, após várias marcações equivocadas da arbitragem, e quando o jogo estava um a um, os paulistas se revoltaram com a marcação de uma penalidade máxima e abandonaram o campo. A penalidade foi batida com a meta vazia e os cariocas se sagraram campeões nacionais¹³. Tal situação, em um estádio com a presença até do presidente do país, ilumina algumas das manchas na execução de um projeto de integração através do futebol. As rivalidades entre paulistas e cariocas eram apenas um dos muitos elementos que tornavam o projeto bastante complicado.

4. Campeonato Brasileiro de Seleções: a geografia de um projeto nacional

O primeiro campeonato brasileiro não aconteceu entre clubes de diferentes regiões do país. Cada estado montou uma seleção com os melhores jogadores dos clubes afiliados à principal liga daquele estado. Portanto era um campeonato brasileiro de seleções estaduais. A motivação, para além da tentativa de criar através do esporte um projeto de integração nacional, para a formação desse campeonato foi a de fazer-se uma seletiva de jogadores visando a formação da seleção brasileira de futebol, organizada pela Confederação Brasileira de Desportos, órgão filiado à FIFA, que defenderia o Brasil nos Jogos Sul-Americanos de 1922.

A análise dos campeonatos brasileiros mostra uma tentativa de ampliação e do controle do futebol praticado pelo país. A cada ano, há um esforço por se colocarem mais estados na disputa, que passava a gerar lucros enormes para os cofres da CBD. O

¹² “No Stadium do Vasco da Gama”. *O Malho*, pp. 40 e 41.

¹³ Cf. “O Campeonato Brasileiro de Foot-Ball vencido pelos cariocas”. *Idem*. pp. 42 e 43. “O Grande Acontecimento de Domingo Passado”. *Fon-Fon!*, ano 21, n. 47, 19 de novembro de 1927, pp. 42 e 43. “Futebol: O Quinto Campeonato Brasileiro”. *Folha da Noite*, 14 de novembro de 1927, p. 5.

campeonato de 1922, ou a seletiva para os Jogos Sul-Americanos, contaria com seleções de oito estados e do Distrito Federal.

Tudo começou em 1922, ano em que o Brasil comemorava o Centenário da Independência em meio a um turbulento contexto político. Como parte dos festejos do Centenário, o país sediou uma competição poliesportiva sul-americana e dentre os muitos esportes, o torneio de futebol foi o que mais chamou à atenção. Lembremos de apenas dois episódios de 1922: o assassinato dos revoltosos do Forte de Copacabana em plena Avenida Atlântica e as tumultuadas eleições disputadas entre o paulista Artur Bernardes e o líder da oposição, Nilo Peçanha, político nascido em Niterói e com forte proeminência no Distrito Federal, encabeçando uma corrente de estados descontentes com os mandos e desmandos de São Paulo e Minas Gerais, chamada “Reação Republicana”¹⁴.

A seleção brasileira, inclusive a campeã sul-americana de 1919, em torneio também disputado no Brasil, costumava contar apenas com elementos cariocas e paulistas. No entanto, o racha das oligarquias fazia com que as autoridades, tanto do governo, quanto dos esportes, pensassem em uma maneira de unir o país através do futebol, particularmente através da formação de uma seleção com elementos fora do Eixo-Rio São Paulo. Pelo menos esse foi o discurso. Devido às dimensões continentais do país e ao seu precário sistema de transportes, seria impossível imaginar um torneio que congregasse as distantes regiões. No entanto, um projeto nacional de futebolurgia e a solução encontrada foi fazer um torneio de seleções estaduais, dividindo as seleções por regiões e com o campeão de cada região fazendo as finais em São Paulo e no Rio de Janeiro.

As federações estaduais foram escolhidas a dedo pela CBD e os convidados a participar do torneio representavam não só os estados de maior desenvolvimento esportivo do país, como aqueles com maiores problemas relativos ao governo Epitácio Pessoa e ao futuro presidente Artur Bernardes. O país foi dividido em três zonas e as seleções jogariam entre si em cada uma delas.

As seleções seriam agrupadas por zonas, jogando eliminatórias dentro dos grupos e classificando os vencedores dos grupos para as fases finais, jogadas sempre no Rio ou em São Paulo, cidades com estádios maiores. Na Zona Norte, Bahia e Pernambuco, dois dos estados líderes na Reação Republicana, juntavam-se ao Pará,

¹⁴ Para conhecer um pouco mais da Reação Republicana Cf. FERREIRA, 1993.

tradicional opositor do governo central desde os tempos do Império. Na Zona Centro (?), outro líder da oposição, o Rio Grande do Sul, dividia o grupo com o Paraná, estado envolvido na polêmica divisão territorial com sua vizinha Santa Catarina e na violenta Guerra do Contestado, anos antes. Os campeões desses dois grupos viriam ao Rio de Janeiro e a São Paulo para disputar as fases finais com os dois primeiros colocados do grupo denominado Zona Sul, formado por São Paulo e Minas Gerais, os líderes do governo, e Rio de Janeiro e Distrito Federal, outros dois pólos da Reação.

Após a desistência do Pará e de Pernambuco, a forte seleção baiana classificou-se, juntando-se ao Rio Grande do Sul, que havia batido a seleção paranaense, nas finais contra São Paulo. Os paulistas haviam vencido o confronto contra os mineiros por 13 a 0, e os cariocas venceram os fluminenses por 2 a 0. Os baianos perderam para os paulistas e ganharam dos gaúchos por 1 a 0. Já os cariocas venceram os gaúchos por 2 a 0 e foram para as finais contra os paulistas. Dois jogos, duas vitórias paulistas, uma por 4 a 1 em São Paulo, no estádio do Palestra Itália, e outra por 2 a 1, no estádio do Fluminense. Apesar da CBD afirmar que aquele não era um campeonato nacional e que este só ocorreria no ano seguinte, a seleção de São Paulo foi celebrada como a primeira campeã nacional de futebol, como atesta nossa epígrafe.

O ano de 1923 marcou, portanto, aquele que foi considerado pela Confederação Brasileira de Desportos como o primeiro Campeonato Brasileiro de Seleções. As mesmas seleções estaduais foram convidadas, mas naquele ano todas compareceram. A divisão regional também se modificou. A Zona Norte permaneceu com a Bahia, Pará e Pernambuco. A Zona Centro passava a ser formada pelas seleções do Distrito Federal, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Já a Zona Sul, passava a contar com Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo. Os jogos aconteceram entre 23 de setembro e 28 de outubro de 1923, e a seleção de São Paulo foi a campeã, após golear a seleção carioca por 4 a 0 dentro do estádio do Fluminense, no Rio de Janeiro.

O campeonato de 1924 não apresentou alteração em relação ao número de concorrentes, mas o Rio Grande do Sul desistiu, ficando a Zona Sul com duas seleções, e a seleção do Ceará entrou na Zona Norte. De 1925 a 1927, o número de seleções estaduais aumentou. Em 1925, houve a divisão do campeonato em quatro grupos, assim divididos: Zona Norte (Amazonas, Pará), Zona Nordeste (Bahia, Ceará, Paraíba e Pernambuco), Zona Centro (Distrito Federal e Minas Gerais) e Zona Sul (São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul), passando o campeonato a ter 11 seleções. No ano seguinte, a Zona Norte teve a adesão do Maranhão, a Zona Centro do Espírito Santo e a

Zona Sul de Santa Catarina, num total de 14 seleções. Em 1927, mais duas seleções entram para o torneio, que naquele ano foi disputado todo no Rio de Janeiro e misturando as seleções, sem as divisões por zona. Alagoas, Piauí e Sergipe entraram, enquanto Amazonas não compareceu naquele ano.

O campeonato de 1928 contou com menos seleções e voltou ao sistema de divisão por zonas. A principal ausência daquele ano foi da seleção paulista. Os dirigentes da APEA haviam ficado revoltados com a marcação de um pênalti, na final de 1927, a favor da seleção carioca. Seus jogadores abandonaram o campo quando o jogo estava 2 a 1 para os paulistas. O jogador carioca bateu o pênalti com o gol vazio e a taça foi entregue aos cariocas (MAZZONI, 1950: 161).

Em 1929, a seleção paulista voltou a jogar, e a ganhar, o campeonato brasileiro de seleções e mais seleções estaduais passaram a jogar o torneio. Zona Norte (PA e AM), Zona Este (BA, SE, ES, AL), Zona Nordeste (PE, PB, CE e RN), Zona Centro (DF, MG e RJ) e Zona Sul (MT, PR, RS, SC e SP) eram os grupos que totalizavam 18 seleções estaduais, o maior torneio até então e cumprindo o papel de aglutinador dos estados. Principalmente aqueles em que os acordos das oligarquias estaduais desmoronavam na questão sucessória de Washington Luis. Em meio a disputas oligárquicas pelo poder, é ao menos curioso ver 19 seleções representantes de diversos estados em oposição se congregarem ao redor de um torneio nacional de futebol.

A Revolução de Outubro de 1930 impediu a organização do campeonato brasileiro daquele ano. No entanto, o primeiro ano do governo de Getúlio Vargas assistiu novamente à organização do torneio, inclusive com representantes das oligarquias “velhas” e “novas” disputando o torneio e buscando mais uma forma de acordo, neste caso vinculado à propaganda que esse tipo de evento tinha com a população, principalmente no sentido de tentar amenizar as diferenças. Apenas a seleção catarinense não esteve presente, em relação às seleções participantes de 1929.

Houve uma nova divisão em quatro zonas, permanecendo as zonas Sul, Centro e Leste iguais e as zonas Norte e Nordeste se fundiram em apenas uma zona, a Nordeste. O campeonato mostrava-se assim uma ferramenta interessante, assim como se mostrava em outras nações do mundo, para lutar pela integração nacional. Além disso, mostrava-se uma grande fonte de negócios. Justamente nos momentos de crise política aguda entre as oligarquias regionais, o aumento do número de seleções estaduais mostra como o futebol poderia produzir um discurso de união, frente a um quadro potencialmente gerador de maiores distúrbios sociais.

5. Uma breve economia do Campeonato Brasileiro de seleções

O projeto não poderia ser bem sucedido, se não fosse viável economicamente. A análise dos relatórios da Confederação Brasileira de Desportos (arquivados na Biblioteca Nacional- RJ) mostra que o campeonato era extremamente lucrativo, principalmente para a CBD. Vejamos primeiro um quadro simples das receitas e despesas de alguns dos anos em que se jogou o campeonato:

	Nº de seleções	Receitas	Despesas	Lucro
1923 ¹⁵	09	143:045\$830	63:016\$050	81:072\$330
1924 ¹⁶	09	235:867\$200	134:191\$180	101:676\$020
1925	11	507:886\$000	178:940\$860	328:945\$140
1926	14	458:505\$000	199:568\$850	269:433\$010
1927	15	331:863\$000	237\$216\$810	94:646\$095
1928	14	804:459\$000	484:109\$240	320:349\$760

Os números são bastante claros quando se pensa na possibilidade de negócios envolvendo esse espetáculo de massas que se tornou o futebol. Partidas com grande apelo, com a presença de bons jogadores e com a torcida inflamada pelas notícias dos periódicos que ajudavam a configurar um quadro de rivalidades dentro di futebol, eram os ingredientes para que os dirigentes passassem a controlar somas enormes de dinheiro. Vale a pena lembrar que uma bela casa no bairro novo de Copacabana, em 1922, custava cerca de 82:320\$000, e a loteria federal pagava prêmios entre 50:000\$000 e 400:000\$000 no mesmo ano¹⁷.

Em relação aos clubes de futebol, os ganhos da CBD foram impressionantes. Se compararmos o que a CBD lucrou com o que os clubes conseguiam arrecadar em seus departamentos de futebol, podemos entender melhor a poderosa máquina de arrecadação que a CBD conseguiu organizar. Façamos a comparação com o que o Fluminense, um dos maiores clubes brasileiros do período. Segundo seu relatório de 1928, seu departamento de futebol havia conseguido arrecadar, com a venda de

¹⁵ MAZZONI, Thomas. op.cit. p. 176.

¹⁶ De 1924 a 1929, são dados dos relatórios da CBD dos respectivos anos, que constam na relação de documentos pesquisados ao final do trabalho.

¹⁷ No anúncio da revista Fon Fon, um edifício em Copacabana poderia ser comprado por prestações de 1:372\$000 durante 5 anos (60 meses). *Fon Fon*, Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1922. Os valores dos prêmios da loteria são dos concursos de 17 e 24 de junho respectivamente, cujos bilhetes custavam 7\$700 para o prêmio menor e 22\$000 para o maior. *O Malho*, Rio de Janeiro, 10 de junho de 1922.

ingressos durante todo o ano, contando jogos do campeonato e amistosos nacionais e internacionais, cerca de 444:868\$010, pouco mais da metade do que a CBD conseguiu arrecadar com a venda de ingressos para seu curto torneio nacional naquele ano, 804:459\$000. No entanto, enquanto o departamento de futebol do clube carioca teve despesas da ordem de 331:410\$670, dando ao clube um lucro de 113:457\$340¹⁸, a entidade nacional teve despesas de 484:109\$240 e, portanto, lucro de 320:349\$760, como visto acima, quase o triplo do que um dos clubes mais ricos do Brasil, dirigido por Arnaldo Guinle, empresário de uma das famílias mais representativas dos grandes negócios urbanos da Capital Federal e do Brasil.

Se quisermos dar cores ainda mais dramáticas para esse processo de concentração de recursos na CBD, poderíamos ainda comparar o que a entidade arrecadou com a venda de ingressos em 1926, com alguns clubes da 1ª Divisão da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos, a liga que congregava os maiores times de futebol da cidade conseguiram arrecadar nos jogos em seus estádios. Enquanto a entidade que tinha a chancela do governo brasileiro para organizar o esporte nacional obteve 458:505\$000 com a venda de ingressos e o Fluminense, clube com maior arrecadação, conseguiu 112:877\$000, o pequeno Villa Izabel Football Club, conseguiu apenas 19:439\$000¹⁹ durante o campeonato carioca, pouco mais do que a CBD, com o campeonato brasileiro de seleções. Hoje, a CBD se chama Confederação Brasileira de Futebol e é uma das mais poderosas entidades nacionais de futebol no mundo. Já o Villa Izabel não existe mais.

Os lucros quadruplicaram em seis anos e as receitas não paravam de subir, mostrando que, bem administrado, o futebol era uma excelente possibilidade de negócios.

A CBD fazia ainda um rateio extremamente favorável à sua entidade. Observemos o caso do campeonato de 1925. A CBD teve um lucro de 328:945\$140 com as partidas de futebol. Declarou ainda uma despesa de 11:724\$340 com medalhas, impressos e gratificações, sobrando em seus cofres 317:220\$800. Desse montante, a CBD tirava 50% (!) correspondentes à sua parcela no rateio. A outra metade deveria ser dividida entre todas as seleções de acordo com o número de partidas que cada seleção fez no torneio. Como foram 13 jogos, serão 26 quotas divididas entre as seleções, cada

¹⁸ FLUMINENSE Football Club. Relatório dos Trabalhos Sociais concernentes ao anno de 1928. Rio de Janeiro: Tip. Papelaria Luis Macedo e Cia., 1929.

¹⁹ ASSOCIAÇÃO Metropolitana de Esportes Athleticos. Relatório Annual de 1926. Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Commercio, 1927.

uma no valor de 6:100\$000, que foi o valor conseguido por 7 das 13 seleções estaduais. As que mais quotas conseguiram foram São Paulo e o Distrito Federal, com 5 cada, totalizando 30:502\$000 para cada seleção.

Se o valor estava muito longe dos 158:610\$400 (cerca de cinco vezes mais) que a CBD arrecadou²⁰, as quotas de São Paulo e do Distrito Federal perfaziam cerca de 40% do total rateado entre as 13 seleções estaduais. Dessa maneira, a CBD concentrava a maior parte do lucro e o que sobrava rateava entre as duas maiores forças políticas do esporte nacional, aumentando sobremaneira as dificuldades e, em consequência, a distância entre as possibilidades de investimento na estrutura dos esportes em cada uma dessas regiões.

Em 1926, a CBD declarou que ficaria com os 50% não mais do lucro, e sim das receitas, deixando as despesas para o rateio das federações estaduais. Como a renda bruta daquele ano foi de 458:505\$000 e as despesas chegaram a 199:568\$850, a metade que sobrava para o rateio das federações era muito pequeno, sendo que oito das quinze federações participante ficaram apenas com 989\$455, enquanto a Confederação ficou com 229:252\$500.

O presidente da entidade, Oscar Rodrigues da Costa, declarou então que achou “mais liberal e do interesse de suas leaes filiadas”²¹ voltar ao sistema anterior e as quotas subiram então para 4:315\$602, apenas 5% daquilo que a entidade máxima do esporte nacional arrecadou. Nada mais liberal. Tudo menos algo do interesse de suas “leaes filiadas”.

A listagem das rendas por zonas feitas pela CBD também ajudam a mostrar as diferenças do potencial econômico de cada uma dessas regiões apontadas. Enquanto os jogos da Zona Norte, com sede em Belém, deram prejuízo de 9:465\$220, os jogos das zonas Norte, Centro e Sul deram lucro. Porém, os lucros das sedes das zonas Sul (São Paulo) e Centro (Distrito Federal), 43:766\$680 e 64:507\$430, respectivamente, ainda eram muito maiores do que o arrecadado em Salvador, sede da Zona Nordeste, que conseguiu 19:574\$280 de lucro.

Rio de Janeiro, a capital, e a cidade de São Paulo mostravam sua força econômica perante os outros estados também no futebol. E essa força econômica vinha acompanhada de verdadeiros embates, dentro, mas principalmente fora de campo, para

²⁰ *Confederação Brasileira de Desportos. Relatório de 1925 e 1926.* Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1926.

²¹ *Confederação Brasileira de Desportos. Relatório de 1926 e 1927.* Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1927.

se discutir qual das elites, a paulista ou a carioca, seria aquela que deveria ter a primazia do esporte nacional.

Considerações Finais

As inúmeras possibilidades de estudos em História Econômica com futebol mostram a pujança deste objeto. Torna-se cada vez mais importante que os historiadores se debrucem sobre este tema para um entendimento melhor do próprio funcionamento da sociedade capitalista contemporânea. Neste trabalho, muitos aspectos deixaram de ser abordados. Na medida do possível, tentou-se mostrar alguns caminhos que podem ser desenvolvido por outros historiadores a fim de preencher esta lacuna.

As fontes apresentadas mostram um caminho inicial, possível, para o entendimento das estruturas monopolizadoras do futebol brasileiro, que recaem sempre sobre dirigentes de grandes clubes de futebol, de pessoas envolvidas com a política do esporte, que fazem de tudo, menos defender o interesse da população em relação ao esporte. Sedes maravilhosas de federações estaduais e confederações nacionais contrastam com a situação precária de clubes de futebol pelo país.

Os torneios nacionais de clubes de futebol demoraram muito tempo para acontecer. Apenas em 1971, dentro de um projeto de integração nacional do governo militar, foi organizado o primeiro campeonato brasileiro de clubes, escancarando as dificuldades da implementação de projetos nacionais no Brasil. O campeonato brasileiro de seleções estaduais foi apenas o primeiro passo no sentido da integração de diferentes regiões do país através do futebol. No entanto, cabem as ressalvas e entender quem são aqueles que verdadeiramente das somas astronômicas que passaram a rodear o mundo do futebol. Espero ter contribuído para apresentar e problematizar, ainda que de maneira superficial, algumas das estruturas dessa infeliz realidade e que possa estimular outros colegas a procurar investigar esse instigante objeto.

Bibliografia

BRESCIANI, Maria Stella. Imagens de São Paulo: Estética e Cidadania. In: *Encontros com a História: Percursos históricos e historiográficos de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CARONE, Edgard. *A República Velha* (instituições e classes sociais). São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972-1974.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A Vida Fora das Fábricas: cotidiano operário em São Paulo, 1920-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

FERLINI, Vera Lúcia Amaral (org.) *História Econômica: agricultura, indústrias e populações*. São Paulo, Editora Alameda, 2006.

FERNANDES, Florestan. *Revolução Burguesa no Brasil*. São Paulo: Globo, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. “A Reação Republicana e a Crise dos Anos 20”. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, CPDOC/FGV-RJ, vol. 6, n. 11, 1993.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GLAZER, Raquel. Visões de São Paulo. In: *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: Anpuh/marco Zero, 1994.

HOBBSBAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LOBO, Maria Eulália Lahmeyer. *História do Rio de Janeiro (do capital comercial ao capital industrial e financeiro) 2º Vol*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978, p.682.

MALAIÁ, João Manuel. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

MAZZONI, Thomas. *História do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Edições Leia, 1950.

MORTARA, Giorgio, Um Enigma Resolvido: A População do Brasil. *Estudos Brasileiros de Demografia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1 (7):72-3, julho 1947 e Recenseamento do Brasil de 1920.

MOURA, Esmeralda Blanco B. de. Bandeirantes do progresso: imagens do trabalho e do trabalhador na cidade em festa. São Paulo, 25 de janeiro de 1954. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 14, n. 28, pP. 231-246, 1994.

MOURA, Esmeralda B. Bolsonaro de. Apresentação in: MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro e

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro- 1902- 1938*. RJ: Nova Fronteira, 2000

PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e Sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo, 1890-1914*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963.

VAMPLEW, Wray. *Pay Up And Play the Game: Professional Sport in Britain, 1875-1914*. London: Paperback, 2004.